

As Novas Tecnologias e o Ensino de História: uma investigação realizada em quatro escolas na cidade de Alagoinhas/Ba no ano de 2016

Marilécia Oliveira Santos
Professora Adjunto da Universidade do Estado da Bahia - UNEB
leciasantos@bol.com.br

No segundo semestre de 2016 ministrei o componente *Novas Tecnologias da Educação* para os alunos do 6º semestre do curso de Licenciatura em História do Campus II, localizado na cidade de Alagoinhas, da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Propus a turma fazermos juntos uma reflexão sobre a questão suscitada pelo componente, mais especificamente analisarmos a relação entre as novas tecnologias da educação e o ensino de História em algumas escolas locais. A turma recebeu a proposta com entusiasmo e montamos a metodologia de trabalho a ser adotada.

Nas primeiras aulas lemos e discutimos textos de autores que refletem sobre a temática das novas tecnologias e a educação buscando subsidiar as nossas proposições a exemplo de Ponte (2000), José Carlos Libânio (2001), Alfredo Mata (2006), P. Levy (2000; 2003) M. Castells (1999), Nelson de Luca Preto (2011), Filomena Maria Moita (2010), Dilermano Piva Júnior (2014).

Em paralelo as leituras e discussões dos textos, elaboramos dois questionários distintos que posteriormente foram aplicados aos professores de História e alunos de séries diversificadas. A construção do questionário decorreu da discussão em sala sobre o que realmente os cursistas gostariam de conhecer da prática docente no que diz respeito ao uso das novas tecnologias nas aulas de História. Muitas perguntas foram gestadas a partir das discussões dos textos e versaram sobre a existência de recursos/equipamentos nas escolas, a disponibilidade dos mesmos, a frequência dos seus usos e outras foram mais específicas sobre o uso dos tablets e jogos eletrônicos nas aulas de história e se os celulares eram objeto de conflito entre professores e alunos.

A turma dos graduandos era pequena com apenas 16 alunos o que possibilitou que formássemos duplas para aplicarem os questionários nas escolas que eles escolheram. A escolha se deu em virtude da proximidade das residências uma vez que alguns residiam em outras cidades e por isso fizeram a pesquisa onde residiam. Eles não

aplicaram o questionário a todos os alunos das escolas em virtude do tamanho das mesmas. Quanto aos professores, buscaram entrevistar todos de História e só não conseguiram entrevistar todos pelo fato de um deles estar afastado das suas atividades.

Para viabilizar a entrada dos licenciandos nas escolas o Colegiado do curso encaminhou uma carta de apresentação dos mesmos às respectivas escolas selecionadas. Após a aplicação dos questionários as duplas discutiram sobre os resultados alcançados cruzando dados considerando idade, sexo e escolaridade dos professores entrevistados e em seguida fizeram artigos sobre cada pesquisa feita nas respectivas escolas que trabalharam. Posteriormente realizamos uma rodada de discussão abordando os resultados encontrados buscando elaborar uma síntese da experiência.

Para esta comunicação me ative a alguns resultados das pesquisas feitas em quatro escolas da cidade de Alagoinhas: Colégio Estadual São Francisco, Colégio Estadual Maria José Bastos Silva, Colégio Estadual Brasilino Viegas e o Colégio Modelo Luis Eduardo Magalhães. São colégios públicos de grande porte e a pesquisa foi feita com os alunos do Ensino Fundamental em séries diversificadas. Esclareço que não é o propósito aqui apresentar e discutir todos os dados estatísticos levantados por turma e colégio cruzando os resultados encontrados. Apresentarei algumas reflexões feitas pela turma tanto nos artigos entregues quanto na rodada de conversa em sala de aula sob minha mediação numa perspectiva qualitativa das respostas encontradas na investigação.

De um modo geral a investigação revelou um baixo uso didático das novas tecnologias e esse comportamento está associado a razões diversas. Registramos um alto índice de insegurança dos professores para usarem os equipamentos que as escolas dispõem. O receio de ser objeto de crítica dos alunos por não saberem manusear os equipamentos é um elemento de inibição para o seu uso. As escolas visitadas dispõem de equipamentos em menor ou maior quantidade, porém, sua instalação antes das aulas demanda tempo o que acaba por comprometer seu uso. Em duas dessas escolas, aconteceram roubos de equipamentos durante as férias e por essa razão eles passaram a ficar guardados em lugares mais seguros como direção ou coordenação e para serem utilizados os professores precisavam pegá-los e instalá-los nas salas antes de suas aulas.

Vários professores registraram que esse procedimento restringia o uso dos equipamentos, sobretudo porque, em diversas ocasiões eles também esbarravam em dificuldades mínimas que inviabilizavam o uso como não encontrar um adaptador ou uma tomada disponível. Outros professores registraram que elaboravam suas aulas em Power points, slides e nem sempre podiam usar os equipamentos precisando sempre estar preparados para essa possibilidade o que fazia com que já organizassem suas aulas sem considerar o uso desses recursos. Uma queixa comum ainda no quesito do uso dos equipamentos foi a falta de manutenção dos mesmos que estavam frequentemente com defeito ou vírus o que danificava os pendrives dos professores.

Mesmo com todas as dificuldades apresentadas mais de 80% dos professores de História disseram que usavam as novas tecnologias nas suas aulas variando a frequência com respostas evasivas como: às vezes; ocasionalmente; de vez em quando. Esse mesmo percentual de professores reconhece a importância dos recursos tecnológicos digitais enquanto ferramentas, linguagens, metodologias para as aulas no sentido da interação com os alunos e da melhoria no desempenho das suas aulas. Cabe destacar que foram 12 professores de História das escolas citadas acima que responderam os questionários.

As respostas a essa mesma pergunta feita aos alunos sobre os usos e frequência das novas tecnologias entre os professores em todas as demais disciplinas confirmou seu baixo uso e ainda mais acentuado ficou entre os professores de História. Foram os professores de Geografia destacados entre os que mais utilizavam os equipamentos nas aulas trabalhando mapas e vistas panorâmicas.

Na rodada de discussão, os graduandos do curso de História observaram que para os professores entrevistados perpassa o entendimento sobre o uso das novas tecnologias exclusivamente como recurso. Mesmo os que usavam nas suas aulas, de um modo geral reproduziam os modelos das aulas tradicionais apenas transportando para os slides o velho esquema do quadro. Ainda se faz necessário a compreensão e operacionalização de que a inovação tecnológica está vinculada a uma série de intervenções e decisões propositivas com o objetivo de transformar ideias, atitudes,

modelos e práticas pedagógicas conjuntas entre professores, alunos e administração escolar.

Para Mary Ferreira Moura (2009, p. 1) a escola vem recebendo críticas “por não acompanhar as mudanças da sociedade atual, sendo constantemente questionada quanto aos procedimentos metodológicos, à estrutura curricular, ao papel do professor e do aluno para o desenvolvimento no processo ensino-aprendizagem.

O desenvolvimento integral do ser humano hoje perpassa, mais do que nunca, pelo emprego de uma tecnologia educacional comprometida com as transformações sociais. Sua aplicação requer um esforço permanente de renovação da educação, dos educadores e das instituições escolares considerando as condições de trabalho e convivência.

Uma das questões presentes nos dois questionários foi sobre o uso dos aparelhos celulares em sala de aula e se eles já tinham vivenciado algum tipo de conflito por isso. Entre os professores metade afirmou que sim e metade disse não ter vivenciado conflito algum em função do uso dos aparelhos celulares em sala. Os que disseram sim destacaram que alguns alunos ouvem música alta durante as aulas, atendem ligações, mandam e recebem mensagens num constante descaso com as aulas. Os que disseram não ter vivenciado problemas alegaram que fazem pactos no início das atividades sobre racionalizar o uso dos mesmos em sala ou simplesmente proíbem sob ameaças diversas. Quanto aos alunos, a grande maioria (mais de 70%) afirmou já ter tido algum tipo de problema com professores por conta do uso do aparelho celular, mesmo quando alegam que estão pesquisando o assunto da aula. Alguns registraram que os professores se incomodam quando eles resolvem fotografar o quadro ou o slide ao invés de copiarem o esboço das aulas. Para alguns professores o ato de copiar desenvolve a escrita e por isso proíbem que fotografem.

Outro registro de conflito feito pelos alunos foi com relação ao uso do Wifi nas escolas. Ao que parece, o sinal é desligado em alguns momentos como forma de punição uma vez que alunos de dois Colégios fizeram esta menção. De posse desta informação os graduandos perguntaram na administração das escolas sobre esse procedimento. A justificativa dada pelos dois colégios estava em sintonia. A questão da

violência e alguns alunos passando informações para supostos assaltantes e por medida de segurança o sinal era cortado comprometendo em grande medida o uso da internet nas aulas organizadas por alguns professores.

Sobre o sentido, tipos e conceitos de conflito, Álvaro Chrispino (2007) faz uma discussão refletindo teoricamente sobre sua classificação identificando os conflitos escolares procurando compreender as razões da sua instalação e sugerindo formas de mediação. Para ele,

Conflito é toda opinião divergente ou maneira diferente de ver ou interpretar algum acontecimento. A partir disso, todos os que vivemos em sociedade temos a experiência do conflito. Desde os conflitos próprios da infância, passamos pelos conflitos pessoais da adolescência e, hoje, visitados pela maturidade, continuamos a conviver com o conflito intrapessoal (p.15).

O conflito faz parte do cotidiano e da existência humana e, é preciso encontrar meios para lidar com eles. Não estamos com isso dizendo que esta é uma tarefa fácil, até porque, na situação instalada encontrar serenidade para sair do conflito sem grandes traumas requer maturidade e é por isso que a atuação do professor é fundamental. Não há paz eterna, porém é preciso que a escola atue dentro de uma “cultura de paz” como sugerem Bento Selau e Lúcio Jorge Hammes (2009),

A situação de hoje requer a elaboração de estudos e ações que vão ao encontro da paz duradora. Por isso, pode ser necessário elaborar novos “tratados de paz”, mas também a formação de pessoas para que possam conviver com o diferente e resolver os conflitos de modo não-violento. Propõe-se um “movimento pela paz”, com um convite especial para aqueles que mais sofreram pela falta de paz. (p. 17).

Deste modo, o professor e demais agentes envolvidos na educação tem papel fundamental na mediação de conflitos no ambiente escolar. O contexto atual de grave crise social afeta todos os setores da sociedade inclusive a escola que não está dissociada desta realidade. No ambiente escolar sobressaem conflitos que extrapolam a escola agravando os que se instalam naquele espaço e por isso a análise e discussão das questões escolares não podem estar dissociadas desse contexto geral. Para atuar como mediador de conflitos o professor precisa estar preparado um vez que esta ação vai exigir o seu envolvimento físico e emocional.

Outra pergunta também feita aos dois segmentos foi sobre como eles viam o uso dos tablets como material didático. Os professores se mostraram mais céticos e

desconfiados sobre a disponibilização dos mesmos e como seriam usados. De um modo geral os alunos demonstraram maior entusiasmo apesar de encontrarmos algumas respostas inusitadas entre as registradas como (Não vai dar certo; Não vai usar só para estudar; vai atrapalhar mais do que ajudar nas aulas; Tablet é para jogar e se divertir e não para estudar). Aqui destacamos que essas respostas revelam que entre alguns alunos a utilização dos recursos tecnológicos está associada à diversão e dissociada do espaço escolar e da aprendizagem revelando um modo de ver o mundo pautado num modelo de sociedade industrial que separa diversão e trabalho.

Ainda sobre os tablets, O Colégio Estadual São Francisco havia recebido os equipamentos, contudo, só tinha distribuído entre os professores. Estavam aguardando orientações de como proceder para realizar a distribuição e o controle dos mesmos entre os alunos. Observamos que, mesmo com equipamentos disponíveis os entraves de ordem burocrática dificultam ou inviabilizam seus usos.

Perguntamos também tanto aos professores quanto aos alunos sobre o que eles achavam do uso dos jogos com temática histórica no processo de ensino/aprendizagem. Entre os professores as respostas foram diversificadas e em comum elas demonstraram que confiavam no recurso. Acreditavam ser uma ferramenta pedagógica favorável que permite maior interação com os conteúdos e tornando a matéria mais dinâmica e contribuindo para um melhor desenvolvimento da aula. Todavia, quando perguntados se usavam os jogos afirmaram que não usavam alegando inúmeras dificuldades, algumas associadas à primeira questão já relatada.

Quanto aos alunos, as respostas revelaram entusiasmo com a ideia de usarem os jogos para aprender História. Foram unânimes em registrar que os professores não usavam. Num único colégio os alunos destacaram que apenas um professor de História usou o jogo verdadeiro e falso sobre o Feudalismo e que eles gostaram muito. Identificamos que este foi exatamente o professor que se encontrava afastado e não foi entrevistado. Quase toda a turma entrevistada registrou essa experiência no questionário o que revela que a mesma foi marcante para eles.

A discussão sobre importância dos jogos para o desenvolvimento social da criança não é nova. Autores como Piaget (1964;1978) já contribuíram para a

compreensão de que os jogos promovem o desenvolvimento cognitivo, social e afetivo dos jovens e sua dimensão lúdica promove motivações, exercita o raciocínio na busca por soluções de problemas e esse aprendizado também pode ser levado para a vida social.

Algumas respostas dos alunos sobre a relação com os jogos coadunam com estudos que mostram que para muitos estudantes e mesmo professores o estudo e a diversão estão ordenados em campos distintos o que em grande medida orienta a prática pedagógica dos docentes. Em diversas escolas hoje os jogos são pouco utilizados por serem censurados por parcela significativa de docentes, gestores e coordenadores e quando são empregados eles se inserem em momentos especiais e em contextos específicos. (MOITA, 2007)

Steve Jonhson (2006) é um autor que apresenta inúmeros aspectos positivos na aplicação dos *games* nas escolas. Ele destaca a velocidade das mudanças nos últimos 50 anos e a necessidade que tivemos de desenvolver habilidades para lidar com explosões de mídias e tecnologias diversas desde comandar os novos aparelhos de televisão aos múltiplos usos da internet. Essa nova realidade implicou em estímulos e desafios diversos para os nossos cérebros e esses desafios se estendem a escola e para os educadores, afinal os jogos, as brincadeiras e mesmo alguns programas de televisão ajudam a pensar, refletir e conseqüentemente a aprender. Para o autor os entretenimentos são exercícios cognitivos que contribuem para o bom aproveitamento escolar e é preciso estimular sua aplicação com frequência para que se obtenha maior interação e participação dos alunos.

Certamente não será somente o investimento em inovações, aquisição de equipamentos e cursos aligeirados para docentes que resolverá a questão dos problemas educacionais ligados as inovações técnicas. Esses investimentos descontextualizados da realidade vivenciadas nas escolas restringem-se a superficialidade e escamoteiam a complexidade da vivência escolar. Ainda é preciso ouvir os professores e alunos para encontrar soluções mais eficazes. Os projetos educacionais precisam decorrer das questões propostas pelos sujeitos envolvidos na prática educativa contextualizando essas questões afinal, as alterações nas práticas pressupõem mudanças de hábitos e

procedimentos institucionalizados que só podem ser internalizados se houver envolvimento, se os sujeitos estão ganhos para as mudanças.

A rodada de discussão com os graduandos trouxe também algumas reflexões sobre os estereótipos que eles tinham a respeito da atuação dos professores no Ensino Fundamental. Depois de conhecerem de perto as dificuldades reais vivenciadas pelos professores no que diz respeito a disponibilidade e os usos dos recursos tecnológicos, alguns repensaram suas impressões sobre a ideia de uma certa “indisposição” ou mesmo “preguiça” dos professores para inovarem suas práticas docentes. O contato com a realidade vivenciada na escola revelou que ela é bastante complexa. Os conflitos, a violência, as dificuldades para usarem os equipamentos disponíveis somadas a uma lógica de desvalorização do papel do professor manifestada em falas diversas e mesmo nas remunerações recebidas comprometem em grande medida o desempenho e a prática docente.

Hoje a convivência humana está profundamente influenciada pelas tecnologias da informação e suas inúmeras e diversificadas consequências sociais atingindo profundamente os espaços educacionais e a relação entre professores e alunos. São imposições que se deram pela própria realidade atual e a incorporação dos saberes que seus usos exigem gera conflitos principalmente entre profissionais que tiveram uma formação tradicional pautada na memorização. São desafios que perpassam por todas as disciplinas e sobre o ensino de História especificamente,

(...) o atual contexto pedagógico impulsiona a adotar novas perspectivas historiográficas com diversificadas metodologias, na tentativa de criar formas diferenciadas de aprender os conceitos históricos, possibilitando a emergência de distintas linguagens para mediar o processo de ensino e aprendizagem, como por exemplo, o vídeo, a música, a fotografia e, mais recentemente, os games, que subsidiam o processo de ensinar e de pesquisar os fatos históricos. (MOITA, 2010, p. 125)

O professor de história continua tendo papel fundamental contribuindo para a formação dos estudantes promovendo reflexões sobre valores e atitudes. À medida que as crianças conhecem e contextualizam as questões sociais aprendem a desenvolver reflexões críticas e a se protegerem da opressão, exploração e abusos de ordens diversas a que estão submetidas em seu cotidiano.

A reflexão crítica e a construção de sociedades mais justas não brotam “naturalmente”, ela é resultado de compromissos e pactos sociais assumidos. Os estudos da Unesco mostram que, se a escola não mudar ela vai acabar colaborando para aumentar ainda mais as desigualdades sociais. Esses mesmos estudos apontam que a educação com equidade é o grande desafio dos países da América Latina.

Os estudantes acessam muitas informações e são bombardeados pelas constantes propagandas que divulgam as “promessas de felicidade” que os produtos tecnológicos simbolizam. Essa miríade só é colocada em cheque na hora de adquirir os bens divulgados evidenciando as desigualdades sociais. O barateamento de muitos produtos se dá com a exploração da mão de obra e matéria prima de países que não controlam ou coíbem procedimentos irregulares ou não tem uma fiscalização eficiente. Muitos estudantes sequer tomam conhecimento dessa realidade e naturalizam as oscilações do mercado. A própria tecnologia, seus avanços, conquistas e exclusões precisam ser objetos de reflexão nas aulas de História.

As discussões aqui apresentadas partem do pressuposto de que a produção do conhecimento histórico escolar não pode estar dissociada de uma cultura midiática cotidiana na qual os professores e estudantes estão inseridos e desta maneira, faz-se necessário estabelecer metodologias de ensino capazes de interagir com os múltiplos elementos dessa cultura cotidiana. E hoje essas reflexões já estão referenciadas teórica e metodologicamente em uma historiografia que possibilita uma rica discussão acerca desse objeto.

Os processos de construção de conhecimento e de formação de cidadãos cômicos dos papéis que desempenham na sociedade podem ser desenvolvidos com responsabilidade, prazer e encantamento. Para tanto os agentes educacionais precisam desenvolver na escola um ambiente favorável para a escuta dos diversos segmentos estimulando a criação e renovação.

A criação de ambientes colaborativos capazes de oferecer bases para novos paradigmas de ensino pode superar as aulas em que os alunos ficam passivos estimulando-os a participarem do seu processo de aprendizagem. Ainda não encontramos a pedagogia adequada aos novos desafios educacionais do século XXI e

nem as formas ideais para os usos das novas TICs no espaço escolar. Certamente quando essas questões estiveram mais amadurecidas outros desafios estarão postos o que evidencia que nunca estaremos prontos e o que deve nos mover é a busca pela melhoria das nossas ações dentro e fora do ambiente escolar.

Referências Bibliográficas

- Barbosa Filho, A., Castro, C., & Takashi, T. (2005) (Org.). *Mídias digitais: convergência tecnológica e inclusão social*. São Paulo: Edições Paulinas.
- Castells, M. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e terra, 1999.
- CHRISPINO, Álvaro. Gestão do conflito escolar: da classificação dos conflitos aos modelos de mediação. Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v.15, n.54, p. 11-28, jan./mar. 2007.
- JONHSON, Steve. *Tudo que é mau faz bem*. Lisboa: FNAC Colombo, 2006.
- Libânio, José Carlos. *Adeus professor?: novas exigências educacionais*. 5ª Ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- LÉVY, P. *Cibercultura*. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2000.
- LÉVY, P. *A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço*. 4ª ed. São Paulo: Loyola, 2003.
- Mata, Alfredo. *Tecnologias de aprendizagem em rede e ensino de história*. São Paulo: Fapesp/Liber, 2006.
- Moita, Filomena Maria G. da Silva C.. Os games e o Ensino de História: uma reflexão sobre possibilidades de Novas práticas educativas. *Revista Plurais*. Salvador/Baha, v. 1, n 2, maio/agosto de 2010, p 115-130.
- MOITA, F. M. *Game on: jogos eletrônicos na escola e na vida da geração @*. São Paulo: Alínea, 2007.
- MOURA, Mary Jones Ferreira de. O Ensino de História e as Novas Tecnologias: da reflexão à ação pedagógica. In: *ANPUH, XXV Simpósio Nacional de História*, Fortaleza, 2009.
- PIAGET, J. *A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1964/1978.
- Piva Júnior, Dilermano. *Sala de aula digital*. São Paulo: Saraiva, 2014.
- Ponte, João Pedro da. Tecnologias da informação e comunicação na formação de professores: que desafios? *Revista Ibero Americana de Educação*. Madrid/Espanha, nº 24, p. 63-90, 2000.

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

Preto, Nelson de Luca. O desafio de educar na era digital: *Educações - Revista Portuguesa de Educação*. Universidade do Minho/Braga/ Portugal, vol. 24, n. 1, 2011, pp. 95-118

SELAU, Bento; HAMMES, Lúcio Jorge. *Educação Inclusiva e Educação para a Paz: relações possíveis*. São Luis/MA: EDUFMA, 2009.